

æ

ganc
Brasil

DE
ZEM
BROS
dezesseis

Ca nibales

Caput
s. crucis

Alle pago
de s. pauli

ISSN
2447-1003

dez
2016
ano II



As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,
preservando a fonte e o nome do autor.

revista@alagunas.com 

www.alagunas.com 

/revistaalagunas 

alagunas_ 

revistaalagunas 

dez
2016
ano II

DE
ZEMBROS



Editorial

Editor

Geovanne Otavio Ursulino

Editores adjuntos

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

Conselho Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

Curadora da Dezembros

Patricia Laura Figueiredo

Autores

Alberto Lins Caldas

Alexander Martins Vianna

Claudio Castoriadis

Franklin Mello

Geovanne Otavio Ursulino

Marcílio Godoi

Neuza Ladeira

Pat Lau

Shala Andirá

tem o q eu compreendo, o q eu sei, o q eu não entendo, o q eu conheço, q eu sinto e não sei. tem o q fizemos, o tanto q não soubemos fazer, o q foi destruído, o q nunca foi tentado, o q foi sonhado, o q foi assassinado, o q nunca foi unido, projetado, construído.

mas tem esse espanto constante, esse dilaceramento definitivo. o de nunca termos sido. para nós por nós. índio, mulato, voz. sem elo social, sem base social, como eles pensam poder existir?

nessa “alagunas” de dezembro é um pouco desse tempo sem tempo, desse gigante de pés de argila, q talvez nunca existiu.

mas que:

pedimos para pessoas q sabem falar desse brasil que nunca existiu, falar nessa edição de natal. esse ano foi violento, desunido, separado, arbitrário e permissivo. e temos muito medo q daqui para frente ele seja perigoso. para q luta teremos q nos preparar? e se nos chamaram pra luta, iremos?

alguns de nos ja foram. ja viemos. eles estão aqui.

23 de dezembro de 2016.

Patricia Laura Figueiredo

Conselheira Editorial

Curadora da Dezembros

ISSN
2447-1003

Editorial	um
o brasil existe? Alberto Lins Caldas	seis
ítaca Geovanne Otavio Ursulino	onze
o trem da luta Marcílio Godoi	doze
Horror oculto nas arcádias Alexander Martins Vianna	catorze
reponho com batatas Geovanne Otavio Ursulino	dezessete
Algumas observações preliminares Claudio Castoriadis	dezoito
lisarb Franklin Mello	vinte
Canção das águas Shala Andirá	20 e três
Sou eu uma bomba Neuza Ladeira	20 e quatro
carcaça Pat Lau	20 e seis
Dytirambes à Dyonyssos Friedrich Nietzsche	20 e oito
o que eu faria Samuel Beckett	30 e um
Sobre os autores	30 e dois
Sugestão de leitura	30 e quatro

contribua_{com} alagunas

Alagunas é uma revista de publicações exclusivamente digitais. Desta forma, o seu meio de publicação e divulgação é através de seu site. Anualmente o site da Revista precisa ser renovado. Para nos mantermos no ar e não encerrarmos nossas atividades, abrimos uma vaquinha online para contribuições para a manutenção do nosso site.

Saiba mais acessando o link:

alagunas.com/contribua





DE ZEM BROS

de z e s s e i s

TERRA NON DISCOPIERTA.

SOLIS F
RIO DELA
PLATA

MVLLOBANBA PROV.



O
Brasil?
existe.

C. de S. Sebastian.

c. demi
gles.

sonbriere.

Exp. No.

C. de todos Santos.

R. Rev

S Maria das So.

LEVANTE.

“Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude.”
O Leopardo - Tomasi di Lampedusa

1. há um “recalcado” naquilo q gera o isso “brasil”. um vivido não enfrentado, um “antes” (ou um antes q se tornou pra frente, além demais dos olhos, depois da curvatura, imerso), um escondido, um esquecido, um dito incompleto, um discurso imperfeito, uma multidão infinita de discursos, um imenso e monstruoso vazio, um esquecimento obsceno tanto do “mundo da escravidão” (seus planos, seus sonhos, suas propostas, suas ambições) quanto do “mundo republicano” (com suas reproduções do mesmo e fortalecimento da loca obscenidade da escravidão, da colônia: seus desejos travestidos de coisas novas), tanto do “povo brasileiro” quanto da “história do brasil”: esse vazio, esse eixo, eu chamo de martitica (oceano de merda: o q produz “brasil”, isso q todos vivem, acreditam e não conseguem dizer completamente ou até mesmo viver ou viver completamente: não conseguem desvendar seus “enigmas”, como se vivessem num país com uma história, num estado, numa sociedade, com uma cultura e diversidade, um povo, povos, raças, leis, geografia, língua). esse círculo, esse oco, esse vácuo, esse minúsculo e monstruoso esquecimento, esse reprimido por “todas as gentes”, isso q se esconde como um crime não sabido, é o q pretendo tocar aqui com a ponta do dedo até o ombro e além.

2. não existe nem jamais existiu “brasil”, país, povo, leis, sociedade, história, cultura, civilização, isso “brasil”: tudo sempre foi feito pela “servidão voluntária” do imenso cardume, lixeiro, chorume – agregados, funcionários, empregados, servos – uma coisa média, uma alma pequena, uma coisa servil (“alma brasil”): “brasil” é a fantasmagoria sonho do capital colonial, não dum grupo, uma casta, uma rede financeira-industrial, dum povo: específica junção entre servidão voluntária-classes dominantes é apenas parte do visível, do permitido, do quase sabido: a coisa, o isso, é mais simples e por isso mesmo se escondeu normalmente, naturalmente, socialmente: só há servidão voluntária, se entendermos esse voluntário enquanto um não sabido involuntário, “inconsciente”, um não dito porq não sabido, feito segundo a segundo em práticas, crenças, desejos, saberes, experiências e sonhos, mas não sabido – servido sabido aos “senhores”: o espectro projeto martitica (“brasil”), o quase reprimido porq não se viveu, é vivência construída dia a dia pela servidão voluntária: “brasil” é o aparecer, o construído, a visibilidade de martitica, a polpa q se apalpa sem ser, esse nada, o permitido, o aceito, a ponta, a pele do espectro mantido, reproduzido e guardado pela servidão voluntária como se fosse.

3. se há o "brasil" há o "povo brasileiro" – mas não há "povo" algum porq um "povo" se faz com uma ou várias revoluções onde uma massa "passa a se reconhecer e lutar em comum" (no "brasil" – matrix de martitica, essa fantasmagoria monstruosa) jamais houve revolução nem pode haver enquanto houver o "brasil" enquanto uma pele dobrada de martitica, a pele, a polpa do nada, o projeto dos senhores tornado quase realidade, quase vivido, quase gente): apenas depois de revoltas, resistências, revoluções uma massa bruta se torna "povo" e pode e tem o poder de fazer suas leis, ele mesmo, sua constituição, feita por ele, logo, o "povo" se torna "cidadão", nasce a coragem e a confiança em sua força e poder: no "brasil", matrix de martitica, jamais houve um "cidadão", jamais houve leis, jamais uma constituição, jamais um país, jamais liberdade alguma, sociedade, cultura: as identidades ("brasil", brasileiro, território nacional, literatura, arte, costumes, etc.) são apenas biombos construídos pelas servidões voluntárias e seus instrumentos ou dispositivos como a educação, por exemplo (essa coisa sempre falsa, sempre farsa, sempre útil ao "projeto martitica", sempre "cúmplice"), pelas mídias, pelas crenças, pelos discursos, pelas práticas mantenedoras: "aceitamos e obedecemos": "mantemos os sonhos dos senhores": "agiremos como se fosse e terminará sendo": "mentiremos tanto q se tornará verdade: brasil": mas não se sabe disso: o "brasil" como um cenário perverso, nazista, num campo de extermínio, onde os "primeiros senhores" deixaram de atuar e entregaram a outros senhores e outros senhores uma matrix, um cenário, atores, idiotas, trabalhadores e defensores dessa péssima opera bufa "brasil".

4. "brasileiro" é o trabalhador do pau brasil. "brasil" é uma produção colonial, um imaginário colonial, um lugar do capital latifundiário-industrial-financeiro (grande e imenso projeto monstruoso de exploração) onde é preciso, pelo menos nos últimos 150 anos, uma massa indistinta delirando q é "povo", q é "cidadão", q tá num "país", q tem "constituição", etc., pra continuar a fazer se mover o "projeto brasil" e sua loucura nazista constitutiva (nazismo/fascismo não é só um "momento histórico", mas o eixo da máquina tribal ocidente: o nazismo 1933/1945 foi quando esse eixo se tornou absolutamente visível por um esgarçamento inesperado da tribo): isso é parte do espectro visível de martitica: todo saber sobre "brasil" é apenas parte desse espectro, o permitido do não permitido, o visto do não visto, o resto e não a coisa, e a não coisa.

5. não é q "raptaram a história" ou a "história do brasil": a questão é q no lugar de martitica dizem "brasil", em vez de saberem martitica querem saber "brasil": e pra isso "toda a história" se curva, se dobra, se invagina, se limita e o "campo de saber da história" é destroçado em nome da "história", aquela-q-aconteceu, aquela-q-se-tornou-acontecida, aquela-q-não-é-história porq já-aconteceu, é imóvel, é arquitetura pra esconder martitica, sendo constantemente construída e reconstruída enquanto um esconder martitica e um reforçar "brasil": o q é dito é o possível de martitica, o "brasil". esse é sabido, mas queremos o escondido q gera esse sabido, martitica. como dizer nesse dizer infinito e tão cheio de perspectivas e opiniões e pesquisas e ciências e etnologias, esse tanto falar, esse

ruído, esse ensurdecador, esse carnaval de saberes e experiências voltados exclusivamente pra esconder martitica e buscar e construir e expor o “brasil”, q não passa de algaravia.

6. todo o “orgulho em ser brasileiro”, toda comemoração a pátria, todo “hino nacional” tocado e ouvido com respeito religioso, todas as subidas de bandeira e os gestos q exigem essa ereção, todos os feriados nacionais, todas as festas da “cultura brasileira”, toda escrita sobre o “brasil”, toda a “literatura brasileira” (claro instrumento cúmplice da língua do senhor, do sonho, das perspectivas, dos planos do senhor), todo ensino e estudo sobre o “brasil” não fazem outra coisa q exercerem violenta e profundamente a busca pelo “reconhecimento do senhor”, dos desejos dos senhores – por isso trabalham, por isso se reproduzem, por isso morrem e matam: o “brasil” é uma reificação ridícula curvada diante de um senhor q não existe mais. o “brasil” é o traço reificado dessa curvatura, dessa servidão voluntária monstruosa, onde a normose é mais normal q a normalidade. uma servidão voluntária q não pode se reconhecer como produtora, protetora e reprodutora do seu produto “brasil” (a não ser no “o brasil é feito por nós”), como se esse produto fosse feito num processo, numa historicidade, numa formação cultural q so faz criar palavras q encobrem esse horror; o “brasil” enquanto matrix da servidão voluntária é um clone imóvel, monstruosamente fincado na sua produção reprodução, no seu círculo vicioso q esgota qualquer criação real, qualquer explicação filosófico-científica (começam logo do “brasil” como algo já dado, uma existência, um processo, uma sociedade, uma história, uma cultura), qualquer revolução real, qualquer sequência de palavras q não tenha como missão esconder sua produção “brasil”, sem saber.

7. o “brasileiro” não é “negro”, “branco”, “índio” ou qualquer outra “raça” porq, simplesmente, não existem raças: as “raças” são construções religiosas, coloniais, imperialistas, eugenistas, nazistas, não alguma “realidade natural” (uma doença simbólica, sígnica, cínica), mas construção política, econômica, imaginária, dolorosa e perversa: maneiras de justificar, punir, fazer trabalhar, adoecer, morrer, ser morto, se reproduzir, jamais uma “identidade” (quando o horror resiste precisamente na identidade, nos mesmos q se reproduzem, se replicam, se sustentam: os negros permanecem negros, as bichas permanecem bichas, os pobres permanecem pobres, os trabalhadores permanecem trabalhadores, as mulheres permanecem mulheres – todos apanhando, todos sendo torturados e mortos como gado, como nem o gado deveria morrer), jamais “povo brasileiro”, q é uma construção q faz parte do “campo de extermínio”, da “fábrica”, do “hospital”, dos “asilos de loucos, pobres e leprosos”, dos “campos de trabalho” q pensa estar e ser “brasil”, numa “normalidade” histórica, social, jurídica, estatal, cultural: uma réplica de outros lugares, uma colcha de retalhos, clone de clones, estranho frankenstein q fizeram ser, viver, numa dobra onde são o q fazem, mas não são o q fizeram nem são, mas assim mesmo são e persistem nesse não-ser q se mantém apenas escondendo sem saber uma vergonha inadmissível de servidão voluntária (o “brasil” de martitica).

8. jamais houve “golpe” algum, “ditadura” alguma, “império” algum, “colônia” alguma, “democracia” alguma: o q foi raptado foi precisamente “os passados” (destroçado qualquer “futuro”) e em seu lugar construído uma-história, q não é a do “vendedor” nem poderá ser substituída pela “história dos vencidos”: há sempre uma mesma massa cúmplice, na grande vertente, no grande vertedouro, no grande abatedouro, na grande maternidade, na grande obra infinita de produzir nada, apenas dor, cansaço, morte e mercadorias: esse resto perturba quem tenta pensar porq ele não se entrega, ou se entrega apenas com os materiais conhecidos, com os saberes sabidos: escapa aos olhos como se fosse os olhos q não podem se ver nem num espelho porq não se vê o “vendo”.

9. nesse sentido martitica é e sempre foi uma “ditadura” até pros meganhas q dizem reger o campo de concentração. martitica é imenso buraco no centro dum corpo morto, ou uma doença, um câncer, um tumor, uma lepra, uma ferida, um trauma, um espectro, um afeto inconsciente – gerando um zoológico, um matadouro, uma prisão – “brasil” – nada mais, nada menos: o resto é conversa q se afasta disso e quer diferente, quer não ver os muros, os guardas, a comida, os toques de recolher, as palavras de ordem, a grande ilusão produzida pra escravos por servos em sua moenda sem fim – martitica. apenas e nada mais q martitica: qualquer questão sobre “brasil” q não partir de martitica (o real, o grande outro, o concreto, o dia-a-dia, o zoo, o escondido, a servidão voluntária e seu projeto inconsciente, o nada q aparece como “brasil”) fica preso dentro do campo de força, de concentração de martitica e sua construção, manutenção e segurança: falar, pensar, ensinar “brasil” é fazer martitica, esse nada, esse circulo vazio, esse escondido, esse buraquinho – gozar.

10. é preciso enfrentar martitica (esse passado escondido, esse não-vivido, esse não-passado q permanece enquanto “brasil”, cena teatral de campo de extermínio) afastando minuciosamente todo o aparato erudito, historiográfico, sociológico, antropológico (cultural, literário, linguístico, científico) q foi montado não apenas pra encobrir martitica, mas pra tornar real, normal “brasil”. sem enfrentar martitica não se poderá compreender e dissolver “brasil”. se a meta é política, a ação, agora, é filosófica. não pode ser feita pela tríade historia/sociologia/antropologia por elas estarem envolvidas diretamente no ocultamento da monstruosa servidão voluntária na realização, proteção e reprodução do “sonho do senhor”, “brasil”. nem martitica nem “brasil” devem ser aceitos, compreendidos, explicados num sentido comum, mas deslocados, esfacelados, enfrentados como fatias do horror congeladas e em função. não é uma “aceitação do passado”, mas uma destruição desse nódulo imaginário q obriga ao funcionamento monstruoso de uma rede de trabalhos sem fim. se se compreenderá q martitica não está num “determinado ponto do passado”, mas sempre aqui, sempre agora, sempre se reproduzindo como um parasita descomunal e invisível: por isso a meta é política: é uma espécie de “enfrentamento do presente”, uma aceitação do campo de extermínio mas, antes de tudo o reconhecimento da servidão voluntária q a tudo isso criou, manteve e reproduz.

por ítica gritaremos
no cair da noite invadiremos
o grande salão do palácio
porq é nosso direito

duma só vez
cagaremos todas as colunas
beberemos toda a cachaça
do grande ulysses

porq é tempo
de penélope saber
q já sabemos do engano
q já sabemos da mortalha

comeremos um a um
o cuzinho apertado da rainha
porq ulysses tá morto
porq telemaco tá velho

por ítica gritaremos
nem o olympos nos impedirá
porq não há rainha deus ou reizinho
q consiga de ítica escapar

ítica





o trem
da luta

marcílio
Godoi

destino brasil colônia, destino entradas e bandeiras, destino casa grande, destino senzala, destino quilombola, destino canudos, destino favela, destino miséria, destino araguaia, destino carandiru, destino eldorado dos carajás, destino candelária, destino terceiro mundo, destino morte vida severina, destino nordestino?

destino vira-latas, destino macunaíma, destino sucupira, destino republiqueta latino-americana, destino brasilguay, destino último baile da ilha fiscal, destino vidas secas, destino coronelismo militar, destino riocentro, destino repressão, destino odebrechstino?

destino descobrimento que não veio, destino independência que não veio, destino abolição que não veio, destino proclamação da república que não veio, destino nova república que não veio, destino democracia que não veio, destino clandestino?

destino passividade, destino manipulação, destino subserviência, destino alienação, destino aceitação, destino humilhação, destino sofrimento, destino entreguista, destino pequeno-burguês, destino traição da pátria, destino privatista, destino desatino?

destino malandragem, destino jeitinho, destino corrupção, destino delação, destino cordial, destino negociata, destino exploratório, destino porões da ditadura, destino tribunais de exceção, destino suicida, destino corruptos chantagistas, destino usurpadores oportunistas, destino cretino?

destino diários associados, destino rede tupi, destino rede record, destino sbt, destino redetv, destino rede bandeirantes, destino rede globo, destino veja, destino istoé, destino época, destino folha de s.paulo, destino estadão, destino o globo, destino intestino grosso?

destino domingos jorge velho, destino fernão dias paes leme, destino raposo tavares, destino castelo branco, destino carlos lacerda, destino ernesto Geisel, destino joaquim barbosa, destino gilmar mendes, destino cármem lúcia, destino sérgio moro, destino governo de toga, destino golpes repentinos?

destino confederação dos tamoios, destino levante dos tupinambás, destino zumbi dos palmares, destino ganga zumba, destino revolta das chibatas, destino chico rei, destino inconfidência mineira, destino conjuração baiana, destino revolução pernambucana, destino trabalhismo, destino luta armada, destino maria antônia, destino herzog, destino diretas, destino betinho, destino mst, destino lula, destino dilma, destino estudantes secundaristas do brasil.

Horror oculto, nas arcádias

alexander
Martins
Vianna



Dedicado a Joel CostaMar e Alberto Lins Caldas

Não olhamos de fora de lentes, mas advêm tombos, fissuram-nas e temos de olhar de outra forma, que também é lente... Isso seria uma aporia sobre a necessidade de mobilidades referenciais incessantes na vida..., uma aporia crítica da pobreza *enquanto imobilidade referencial*. Aqui, estaria a possibilidade de se estabelecer relações crítico-reflexivas e afetivas com novas formas de percepção, avaliação e categorização da vida. A *mobilidade referencial* não se resolve apenas com mais acesso à informação, mas com renovadoras formas de estímulos que criem mobilidades efetivas nas operações de sentir, perceber e pensar. Uma informação inesperada pode chocar, mas o efeito na forma de pensar, perceber e sentir pode ser meramente conformadora, confirmatória ou confortadora de premissas prévias vividas em chave de destino.

O pensamento conservador conduz a informação nova em modos de operar sentidos centrados em *analogias estabilizadoras* que inscrevem as percepções fenomênicas em supostas *regularidades*, que passam a ter valor de “evidência” do que se considera imutável ou invencível numa espécie de concepção de *condição humana* imobilizada nas mesmas comodidades referenciais. Assim, entre tantos horrores, banalizam-se e imobilizam-se formas de felicidades inscritas, por exemplo, em relações sociais configuradoras de pobres e ricos, “homem” e “mulher”, machismo, racismo, feminicídio, trans-homofobia, etc... Capitalismo e patriarcado não são destinos ou fins inevitáveis. São construções históricas...

O pensamento conservador espera que a ousadia de Ícaro – “sapere aude!” – termine em desgraça ou riso cínico-cético constatatativo de premissas imutáveis: O labirinto – mais do que o Minotauro – seria invencível... Então, quem dele escapa não pode durar no vôo. Morre no sal e pronto! Tudo no mesmo lugar!... Quantos por aí ousam sair do quadrado – como a criatura Koyo, de Hilda Hilst –, a enfrentar o risco de por o pé na lama formativa do horror ao guerrear contra o criador que mora dentro de si?... O olhar reflexivo dói... Dói ser vida..., canta Joel CostaMar em sua paralaxe musical com o poema da outra Hilda: Helena Dias...

O grande desafio civilizatório de quebra de velhas lentes é não deixar a dor servir. A dor é servida de múltiplos meios e modos... Torna-se até fator de satisfação e orgulho: Uma espécie de definição tácita de mérito a postergar a vida ou trabalhar contra ela... Nessa dinâmica de horror, até brincar só serve se tem finalidade; tal como o medo, ainda útil, também imobiliza enfrentamentos estruturais... O amor nos expande, a dor nos limita: Encolhe-nos na medida de suas deformidades, tal como a família e o trabalho desvitalizantes são metabólitos da metamorfose de Gregor, inútil esquecido como dor quando há o que anestesia: Aquilo que nos torna consumidores e não produtores de vida, como a paradoxal arte de viver matando de um vírus... Amor exangue na dor que anestesia...

A dor anestesia, por exemplo, no consolo da caridade natalina, num conto de lágrimas fáceis de duas cidades que nem deveriam existir... A sua dualidade é falsa... Trata-se de um único corpo definido pela periferia mantida sob controle: Quem sabe numa expressão de arte que a transforma em orgulho superafirmado, brutal sintoma das precariedades materiais e imateriais consumidas como moda, tal como, na outra face, os filhos da aristocracia de outrora criavam literatura e artes visuais que falavam do (ou em nome do) *pobre*, reinventando “vozes marginais” para consumo artístico, requinte para jardim de poucas rosas. A pobreza – enquanto *imobilidade referencial* – tem lá as suas utilidades para os grilos líricos que não voam contra o horror oculto nas arcádias ou cantam misérias sem por fogo em nada... O “periférico da hora” pode se tornar aceitável por ricos óbices, risos cúmplices ou lágrimas caridosas específicas de cada sistema sociocultural, o qual não é imutável porque é fissurável... Aqui, vive uma fissura!...



repolho com batatas
digo pra ele
repolho com batatas
é melhor pra você

foi bom pra mim
veja sou o melhor
por todo canto
com repolho e batatas

dragão ogro gigante
isso não é pra gente
como a gente não é
digo pra ele

ele só quer saber de
dragão ogro gigante
repolho com batatas
é melhor pra você

digo pra ele
por todo canto tudo é maior
q gente como a gente
q é do repolho com batatas

repolho com batatas

geovanne
otavio
ursulino



claudio.
Castoriadis

algumas
observações
preliminares:

você precisa considerar o passado como um instante descontraído — uma voz pedindo pra alguém puxar a cordinha — frequentes mudanças de endereços — comportamentos não saudáveis — o virtuosismo técnico do vizinho bastante motivado trocando o filtro de água da nossa cozinha — um coelho — apavorado com o barulho da plateia — justificando o truque de cartas mal sucedido — com a ajuda de um voluntário da plateia

uma das expressões preferidas de Smerdiakov quando interessado por alguma notícia, segundo Anna Grigóevna: não esqueças nada. tudo por ordem. detalhes, o principal são os detalhes. por gentileza.

um rosto familiar na festa de formatura entediante do seu primo de NovaJersey, cuja identidade é mantida sob sigilo absoluto. palavras em manutenção que se acumulam onde termina o andar térreo do seu bloco de notas improvisado com grampos de cabelo na volta do trabalho.

a eficácia verdadeiramente revolucionária que permite impulsionar ações comunicativas no módulo grindcore avançado como sistema operante na inclusão do outro privilegiando a constituição do espaço excedido em graus diferentes de empatia: sua chamada está sendo encaminhada para a caixa de mensagens e estará sujeita a cobrança após o sinal.

um adolescente vestido de David Lynch [sic] escrevendo sobre a própria cova com mostruários de cartões postais e marcadores de livros, com as iniciais 5/2 da Estação Thin Lizzy, repartindo uma barrinha de cereal na esplanada do café com seu amigo vestido de adolescente que também escreve sobre a própria cova: Carlos, agora, estamos entrando em território inimigo, o que não é bem nossa praia. temos que tomar precaução. seguir o protocolo. tudo que nos cerca, nos condiciona sem direito de resposta. as coisas quase nunca são o que aparentam ser. o leite desnatado se disfarça de creme.

li em algum livro que o passado é feito de histórias e que histórias são pequenos pontos geográficos untados no universo num mesmo plano com outro enquadramento. a Poeta estadunidense Muriel Rukeyser reforça essa tese quando afirma que o universo é feito de histórias, não de átomos. o Filósofo Santo Agostinho, em suas confissões, revela que o passado subsiste somente no espírito do homem e que ele é feito de histórias. Iran Willame, em última análise, diria: nenhuma das alternativas anteriores estavam corretas.

você precisa considerar o passado como uma longa história sem direito a prova dos nove, pontos geográficos não sepultados, transistores em cascata que se deduzem uns dos outros convergindo em algum momento sem graça do universo, ou um séquito de elevadores sem extintores de incêndio em busca da plaquinha exit, way out.

lisarb



do amontoado de palavras
multidões nas ruas gritam ferozes
queimam apedrejam destroem
têm a fúria dos aflitos
perdidos correm diante das explosões
e do gás

do amontoado de palavras
nascem cidades e vazios
nomes sombras
baldios – deste verbo brotam
sangue medo
mentiras

faço votos que o verbo não minguem
que a palavra
germine
pois é tudo que temos -

para os que estão a morrer
e desistem
resta o silêncio

porem mesmo este é fruto
da palavra
que se guarda entre as facas
do gaveteiro

não há musa, nenhuma musa
não esperem por ela,
façam

do amontoado de palavras
encheram-se praças de gente e bandeiras
e tanques e cavalos e baionetas
ainda que haja grito e choro, não
desista
corra se puder

dessas praças que se abrem em avenidas e becos
colho com mãos trêmulas o eco

o verbo foi condenado desde o início
acusado de
ser-
vil
sub
misso,
– afirmo que o verbo não é isso

dele servem-se todos, como lhes aprouver,
não é dádiva divina
é terra lama detritos
e de onde havia de surgir diálogo
sobram gritos

e se deus houver, errou no livre
arbítrio
já que outros, pequenos pequenos
se dizem árbitros do que, afirmam, a deidade
deixara escrito

prefiro ver a verde campina e o
gado solto

correm correm as palavras em campo aberto

dão-se à festa ao riso
ao tiro
expoem-se as palavras , ora muros
ora pontes
às vezes precipício

tão jovens estes meninos
hão-de aprender de uma maneira
ou de outra
a por abaixo as torres altas

é tudo pedra a palavra pedra pedra
nada mais que granito polido
colunas altas e mármore
trazido de longe – toda esta pompa nada significa
senão a palavra que lhe cabe

não temam meninos
não tremam

pra mudar a puta merda desta vida
(ouçam o que digo)
só no grito !

E se os condenam, se torcem o nariz,
é porque a palavra **anos** deu a eles
muito desgosto, nem lembram mais
das correrias de um século atrás
ou dos ombros que sustentaram Homens
ou dos comícios do fogo do choro do registro

este amontoado de palavras janotas
apegou-se às poltronas de couro
aos rapapés às joias aos cofres e às cuecas de linho

ouçam, meninos, é de vocês este mundo !
melhor que seja imperfeito ,
inacabado,
façam dele o que quiserem
afinal, enquanto o grupo de palavras **tempo**
sai pela coxia, no palco os holofotes
ainda brilham

subam cá,
a palavra agora
é
sua

,Canção das águas

Você, esta devastação.

Abriu o corpo da floresta escura

com teu sopro e

respirei

pelo ar dos teus pulmões.

Você, este clarão.

Você, ser primevo.

Rocha silente.

Silêncio vibrante entre tempestades:

meu chão.

shala
Andirá



Sou eu
uma
bomba

Lapidada
Em um aparelho
De cabeça para baixo
Mãos e pés amarrados

Sou eu uma bomba
Aniquilada pelo inimigo
Que insiste
Em matar o que não morre

Sou eu uma bomba
Solta na vida
Tendo que sobreviver
Num mundo hostil

Sou eu uma bomba
Explodindo na palavra
Uma pólvora fugaz

neuza
Ladeira



carcaça

tudo só carcaça
nos vultos nos muros
nos corredores

só carcaça
nas semeaduras nas vigas
nos atiradores

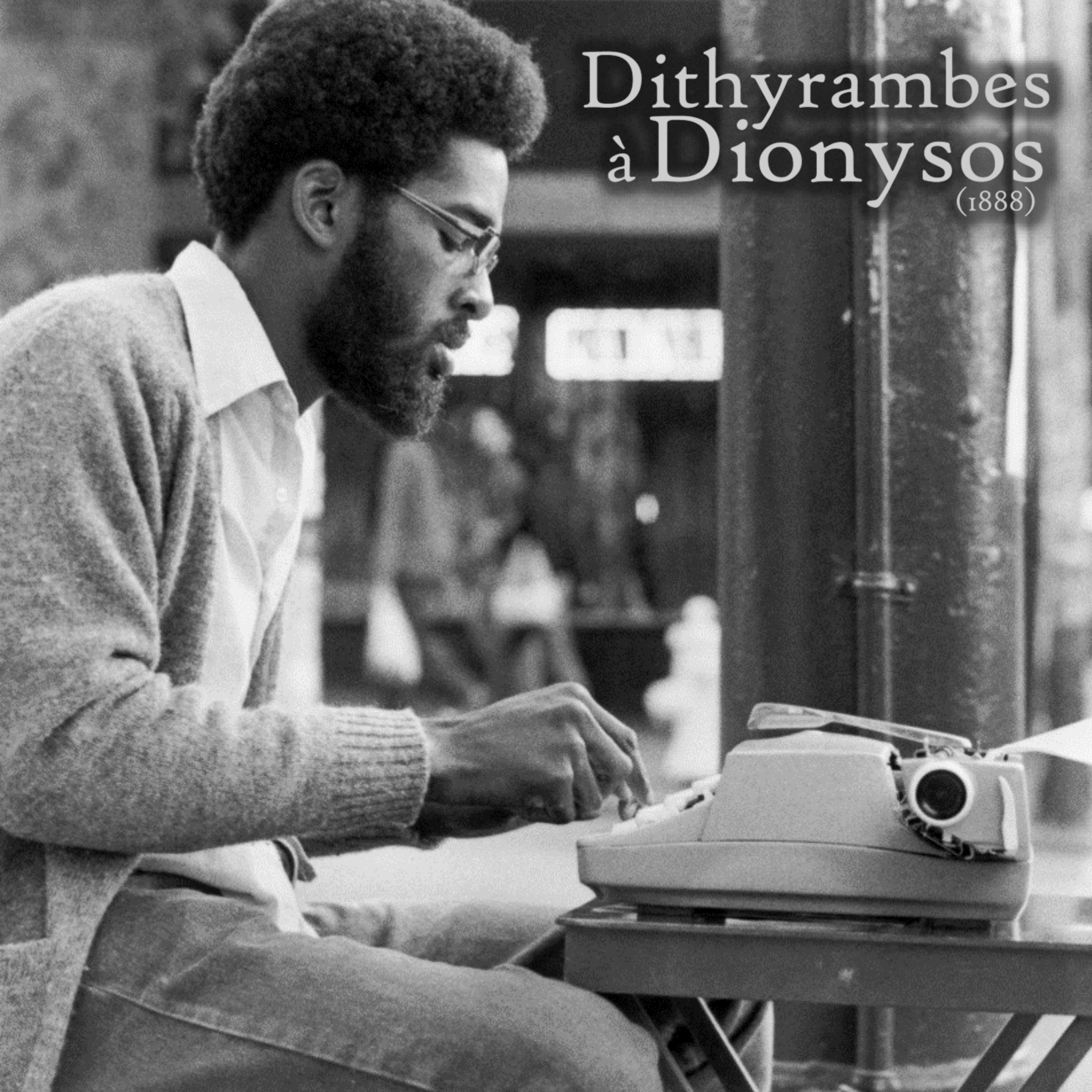
carcaça no luto
sem choro
vida sem miolo

quem insiste em abrir
as janelas?

*

Pat
Lau

Dithyrambes à Dionysos (1888)



No ar clarificado,
quando já a consolação do orvalho
desce sobre a terra,
invisível, sem que o escute,
- porque o orvalho consolador veste
sapatos finos, como todos os doces consoladores -
você imagina então, você imagina, coração quente,
o quanto você tinha sede antigamente
sede de lágrimas divinas, de gotas de orvalho,
alterada e cansada, o quanto você tinha sede,
porque, na grama, sobre os caminhos amarelados
os raios de sol se punham, maldosamente,
através das árvores negras, corriam em volta de você
os raios ardentes e maliciosos.

“O pretendente da verdade? Você?” - assim eles se divertiam
Não! Poeta somente!
um animal malicioso, selvagem, rastejante,
que deve mentir,
que deve mentir, intencionalmente, voluntariamente,
invejoso da conquista,
disfarçada de cores,
mascarado por ele mesmo,
ganho por ele mesmo,
isso - o pretendente da verdade? ...

Não! Louco somente! Poeta somente!
falando por imagens coloridas,
gritando sob uma máscara multicolorida de louco,
errante sobre mentirosas pontes de palavras,
sobre os arcos íris mentirosos,
entre falsos céus,
errante, voando, lá e cá,
louco somente! poeta somente!

friedrich
Nietzsche

Isso - o pretendente da verdade? ...
nem silencioso, nem rígido, liso e frio,
transformado em imagem,
em estátua divina,
nem colocado diante dos templos,
guardião do limiar de um Deus:
não! inimigo de todos esses instantes de virtude,
mais familiar de todos os desertos que das entradas dos templos,
pleno de gatils temerários,
saltando por todas as janelas,
vlan! em todas as chances,
fungando de inveja e de desejos!
Ah! você que corre pelas florestas virgens,
entre as bestas cromatizadas,
fortes, coloridas e belas como o pecado,
com os lábios libidinosos,
divinamente fraudulento, divinamente infernal, divinamente sanguinário,
que você corre, selvagem, rastejante, mentiroso ...
Ou então similar à águia que observa durante um longo tempo,
longo tempo, o olhar fixo no abismo,
nos seus abismos ...
- oh! ela voa em círculo,
descendo sempre mais baixo,
ao fundo do abismo sempre mais profundo! -

Depois,
de repente,
de um traço reto,
as asas reduzidas,
se precipita sobre os carneiros,
de um voo súbito, esfomeado,
com fome desses carneiros,
detestando todas as almas de carneiros,
odioso de tudo que porta o olhar,
virtuoso, olho de cabra, de lã encaracolada,
de tudo que é estúpido e amável como o carneiro.

o que eu faria sem esse mundo sem rostos
sem perguntas
onde ser só dura um segundo onde a cada segundo
versa no vazio no esquecimento de ter sido
sem essa onda onde no fim
corpo e sombra se engolem
o que eu faria sem esse silencio abismo de sussurros
ofegante furioso em direção ao resgate em direção ao amor
sem esse céu que se eleva
sobre o pó dos seus pesos
o que eu faria eu faria como ontem como hoje
olhando pelo meu houblot se eu não estou sozinho
me perdendo e me afastando longe da vida
num espaço fantoche
sem voz entre as vozes
trancado em mim

samuel
Beckett

geovanne
otavio
ursulino

historiador. vive em Maceió.
escreve no blog Amorfo Poema:
www.amorfopoema.tk
e-mail: g.o.ursulino@gmail.com

alberto
lins
caldas

Professor Assistente 1 do curso de História-UFAL, publicou livros como "Oralidade, Texto e História" (Loyola, São Paulo, 1999), "Nas Águas do Texto" (Edufro, Porto Velho, 2001), "Litera Mundi" (Edufro, Porto Velho, 2002), "Oligarquia das Letras" (Terceira Margem, São Paulo, 2005), "Experiência e Narrativa" (Edufal, Maceió, 2013) e "Espaço e Oralidade" (Prismas, Curitiba, 2015). É editor da revista digital "Zona de Impacto".

franklin
mello

natural do RJ , suburbano, perambulou pela cidade feito cigano. morou em muitos bairros por isso conhece bem sua cidade. tem 53 anos e escreve desde não me lembro. sempre poemas e contos. ganhou dois concursos do falecido banco nacional. uma menção honrosa que lhe valeu de prêmio uma Olivetti portátil (não riam, ainda estávamos no jurássico) e a publicação financiada pela empresa. o livrinho era distribuído aos funcionários e clientes no natal. primeiro lugar e primeira menção honrosa no segundo concurso. prêmio: uma viagem para Cancún/Miami (não me perguntem porque) , um guarda chuva (esqueçam!) e a publicação dos contos. foram tiragens impressionantes. usa o perfil do Facebook para veicular os seus poemas.

Pat
Lau

Pat Lau que já foi um dia Patricia Laura Figueiredo, depois Patricia Laura até chegar nesta vontade de essência feito o que fica de um poema. Se "Créer c'est se créer" como nos diz Rilke começou criando e eliminando o excessos do seu nome (explicação dada para não acharem que Pat Lau é um pato vietnamita ou uma alma tibetana desencarnada). é poeta com três livros publicados, o último em março, e vigia e cuidadora de infâncias.

alexander
Martins
Vianna

Mestre e doutor em História Social pelo PPGHIS-UFRJ. Professor de História Moderna do DHRI-UFRRJ. Coordenador do PROFHISTÓRIA-UFRRJ entre 2013 e 2015. Pesquisador da relação entre Teatro e Reforma na Inglaterra elisabetana e jacobita.

claudio
Castoriadis

(Mossoró/RN) é formado em Filosofia pela UERN. Professor, cinéfilo, geminiano e músico (obcecado pelo Morrissey). Vez por outra chega dando voadoras em revistas eletrônicas, jornais alternativos e antologias literárias.

sobre os autores

marcílio Godoi

Mestre em Crítica Literária pela PUCSP, Arquiteto pela UFMG e Jornalista pela FACASPER, Marcílio Godoi é mineiro de Araguari. É autor de *São Paulo, Cidade Invisível* (Grande Prêmio Cásper Líbero de Jornalismo – Letras & Expressões) *A Pequena Carta* (Ler é Preciso, Suzano - Editora Bom Texto) e de *A inacreditável História do Diminuto SenhorMinúsculo* (VIII Prêmio Barco a Vapor – Editora SM), entre outros títulos. É professor convidado do GVPEC (Comunicação Corporativa – FGVSP) desde 2008 e articulista da Revista Língua (Editora Segmento) desde 2009. *Estados Úmidos da Matéria* é seu primeiro livro de poesia.

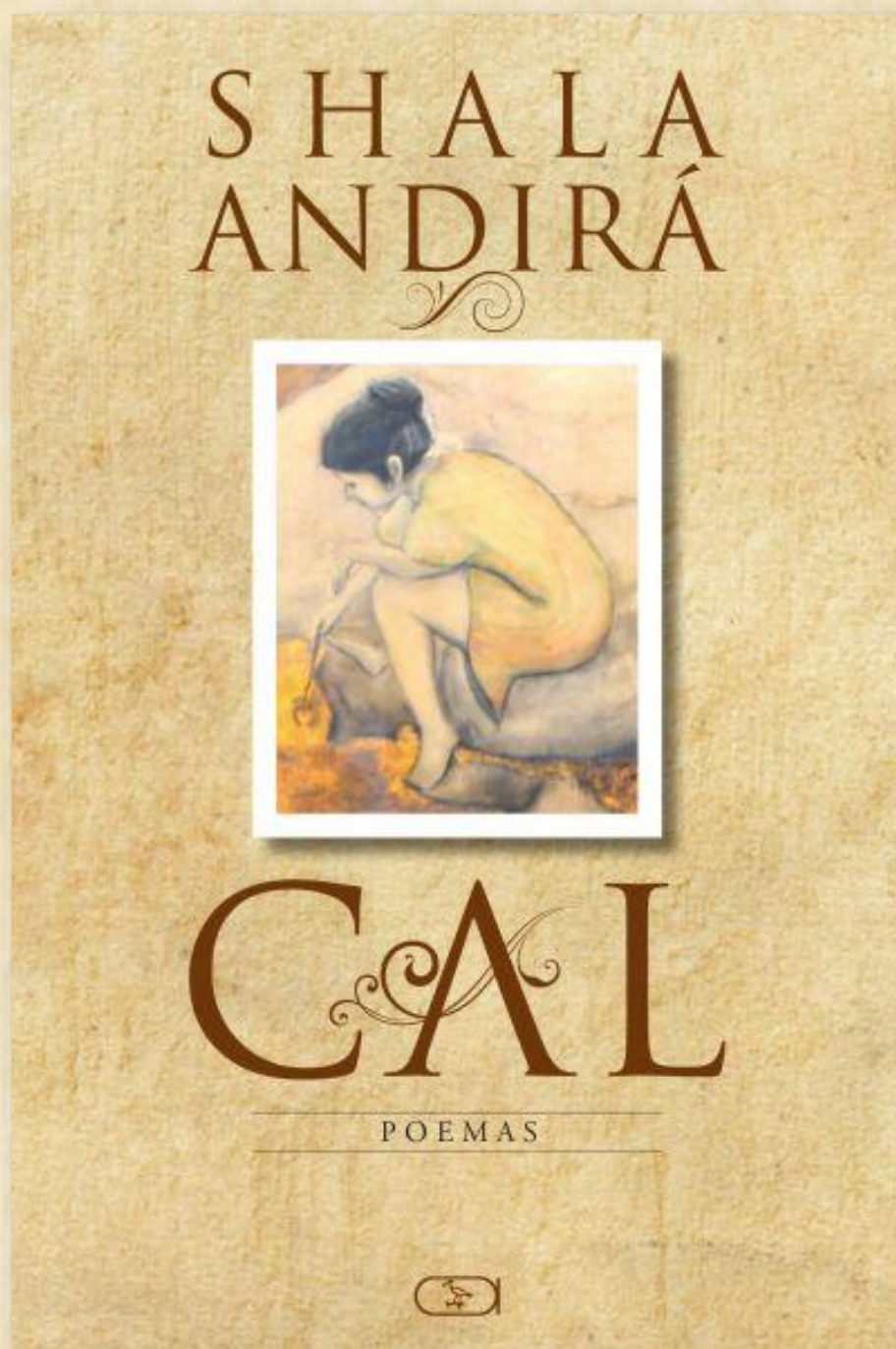
neuza Ladeira

é poeta artista plástica. Nasceu em Belo Horizonte - MG. Lutou pelas liberdades democráticas. Foi prisioneira política de 1970 a 1972. Atualmente mora em BH-MG.

shala Andirá

conta que se sente poeta antes mesmo de ser alfabetizada, quando frequentava a escola sem paredes. Durante a infância, participa, recitando poemas populares, em espetáculos da Grande Cia.

Brasileira de Mistérios de Novidades dirigida por Lígia Veiga. Nasce, assim, o amor pela Arte. Desde 2009, faz parte do coletivo autoral de arte performática, Organismo _ diálogos poéticos. De formação eclética, estudou Medicina, Odontologia, Teatro e Dança. Graduiu-se em Antroposofia e pós-graduou-se em Supervisão Escolar. Hoje, trabalha como assessora pedagógica na escola do CEPE (Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais _ Miguel Pereira _ RJ). Lançou seu primeiro livro, *A menina José*, pela Ibis Libris, em 2011. Em 2012, participou da antologia *Poemas cariocas 2012*, pela mesma editora. Realiza o encontro *Poiésis Tinguá _ Miguel Pereira _ RJ*, em trio com o poeta Pedro Lage e a arte-educadora Juliana Prado, desde 2013, trazendo à luz biografias e obras de poetisas que fizeram história. Em 2015, fez parte da exposição *Poesia Agora*, no Museu da Língua Portuguesa, São Paulo _ SP com o poema "O sopro" e teve alguns poemas soltos publicados na edição de dezembro 2015 da revista digital *Alagunas*, de Alagoas. Nesta tessitura, em 2016, no compromisso com a palavra, lança *Cal*.



O livro é tão envolvente, tão sensorial, que nos sentimos transportados para a paisagem da autora; transportados e envolvidos; envolvidos pelos sentidos da autora que se casam com os do leitor. Segundo livro da autora de A menina José (Ibis Libris, 2011). Apresentação de Armando Freitas Filho e Patricia Laura Figueiredo.

Pode ser adquirido acessando o link: ibislibris.loja2.com.br/7011307-CAL

DE ZEM BROS

a n t o l o g i a

alagunas.com/
dezembros



revista.
de criação
literária